

TÉCNICAS INOVADORAS EM EDUCAÇÃO E A PEDAGOGIA DE CÈLESTIN FREINET

Flávio Boleiz Júnior¹
Marcia Cristina Barragan Moraes Toledo²

RESUMO

O presente artigo trata da noção de inovação educacional desde um ponto de vista progressista e que não demanda, necessariamente, o aporte de novas tecnologias da informação, tais como computadores, tablets e smartphones. Procura demonstrar como é possível inovar em Educação a partir de uma concepção que, rompendo com os princípios das metodologias tradicionais e escolásticas seja, esta sim, inovadora, respeitadora dos anseios e necessidades dos estudantes tanto do ponto de vista individual, quanto de classe social. Para tanto apresenta o exemplo da militância pedagógica do professor francês Célestin Freinet, que atuou durante o período que compreende as décadas de 1920 a 1960, com seus fazeres sempre inovadores mesmo sem o uso de novas tecnologias, necessariamente, tendo inventados inúmeras novas técnicas didático-pedagógicas tais como as aulas passeio, as rodas de conversa, o texto livre, a autocorreção, o livro da vida, a correspondência escolar, a imprensa na escola, dentre várias outras.. Pretende demonstrar, também, que imbuídos de uma concepção progressista, mesmo que sem a disponibilização de novas tecnologias, é possível tanto inventar-se novas técnicas, como utilizar aquelas já em uso por diversos educadores realmente inovadores. Para tanto, propõe-se a fazer uma breve revisão nos significados de conceitos muito em uso atualmente, no campo educacional, tais como: prática, técnica, metodologia e, também, tecnologia.

Palavras-chave: Técnicas inovadoras, Educação, Pedagogia Freinet.

Parece que está caindo nas graças de muitos professores, da Educação Infantil ao Ensino Superior, a ideia de trabalhar com práticas inovadoras. Em várias áreas do conhecimento, nos diferentes cursos superiores, tem-se falado — muito mais do que implementado — de inovações pedagógicas para serem utilizadas nos processos de ensino e aprendizagem. Alguns falam de *práticas*, outros de *metodologias* e outrem de *técnicas*, sempre buscando se referir a jeitos diferenciados de se ensinar, como meio de despertar o interesse discente que anda muito em baixa.

Mas o que são práticas inovadoras? No que consistem e como se constituem?

Parece um quase consenso que falar-se de práticas inovadoras se relaciona a pedagogias ativas que por sua vez se fazem com o uso de novas tecnologias da informação e da comunicação. Portanto, para que se realizem práticas inovadoras seria necessário que se

¹ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, é professor de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN, flavio.boleiz@ufrn.br ;

² Doutora pela Universidade Nove de Julho, é professora convidada de Políticas Públicas de Educação do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – RN, marciamoraestoledo@gmail.com

contasse com computadores ou *tablets* ou, ainda, com *smartphones* para que se pudesse utilizar novos programas e aplicativos que simbolizam a inovação propriamente dita.

Entretanto, inovação, em educação, não diz respeito, necessariamente, ao uso de novas tecnologias. É possível trabalhar com práticas inovadoras utilizando-se os mesmos materiais didático-pedagógicos de sempre, só que de *maneira* inovadora!

Se pararmos para analisar rapidamente a composição de uma sala de aulas da maioria das escolas ou das universidades em geral, verificaremos que o velho método jesuítico ainda vige entre nós. Cadeiras enfileiradas para que os menores se sentem na frente dos maiores e estejam todos olhando para o professor são o comum nas salas de aula. Janelas altas para que o que se passa do lado de fora da sala de aulas não interfira nos fazeres escolares são triviais na maioria das escolas. Portas com frestas de vidro por onde se pode vigiar o trabalho docente compõem o cenário dos corredores escolares. O mestre ainda se posta à frente da turma que, obedientemente, se submete a suas aulas magistrais. Claro que ocorrem pequenas variações, que já são uma maneira de se quebrar a forma jesuítica de organização escolar, como a formação de pequenos grupos de discussão ou a organização de apresentação de seminários, certo? Errado! Também essas técnicas são bem antigas e utilizadas desde os tempos da *Ratio Studiorum* como fomento à competição entre os alunos, ora individualmente ora em equipes.

Sendo assim, pequenas alterações na arrumação da sala de aulas, modificando as posições de estudantes e docente, já significam a introdução de técnicas inovadoras na educação. Por exemplo, organizar a sala de aulas em círculo ou em formato de "U", de modo que todos possam se ver e que docente fique numa mesma posição que estudantes, é um pequeno começo. A divisão de tarefas entre discentes, individualmente ou em grupos, de modo que cada parte do aprendizado se possa produzir por uma fração do grande grupo, para depois ser socializada com todos, já é, também, uma prática inovadora.

É muito comum que as professoras e os professores da Educação Básica e também das universidades apresentem seus programas prontos aos discentes nos primeiros dias de aula, como pacote a se cumprir por parte de todos. Pois discutir abertamente o programa com os alunos, levando em conta, é claro, as características próprias de cada idade, para flexibilizar o planejamento das aulas é uma técnica muito inovadora.

Várias professoras e vários professores já planejam e executam estudos de campo, levando alunas e alunos para conhecer a realidade de sua área de formação, seja com crianças ou com adultas e adultos: eis aí uma técnica inovadora que produz aulas fora do recinto escolar.

Há docentes que aplicam avaliações formativas, em que os alunos aprendem ao mesmo tempo em que são avaliados, sem as paranoias docentes por medo de cola ou de "subterfúgios" discentes, mais uma técnica inovadora que proporciona aos educandos aprenderem na medida mesma em que são avaliados.

Mas a maior e melhor de todas as técnicas inovadoras é o respeito pelo repertório de conhecimentos que as alunas e os alunos trazem consigo de sua vivência pessoal na relação com os conhecimentos que se busca trabalhar em sala de aula. Escutar a turma, conhecer cada estudante e levar em conta os seus saberes acerca do que se deseja ensinar é, provavelmente, a mais inovadora e importante das técnicas de que um professor pode e deve lançar mão. É por esse meio que se pode avançar para além do que se havia programado. É por esse meio, também, que se pode reprogramar os pontos de partida e de chegada com que é possível trabalhar. É por esse meio, ainda, que se pode orientar aquelas alunas mais avançadas na busca de objetivos mais ousados, ou os alunos com maiores dificuldades para que alcancem o que é desejado. Afinal de conta, é dever do professor exigir o máximo de suas turmas, mas esse máximo é diferente para cada estudante.

Mas e as novas tecnologias? Afinal de contas elas não contam no que se refere às técnicas inovadoras? Claro que as novas tecnologias podem se transformar em importantes ferramentas na hora de se inovar em educação. Mas, de fato, elas não são o mais importante e nem significam, em última análise, a utilização de técnicas inovadoras.

Importante realmente é a maneira como se concebe e se faz educação. Seja com novas tecnologias, quando se as possui e se as pode utilizar; seja com giz e lousa quando é do que se dispõe para o trabalho docente. Um professor com uma concepção conservadora de educação fará uma educação nada inovadora, ainda que disponha de computadores, *tablets*, *smartphones* e aplicativos em abundância para utilizar em suas aulas. Já uma docente ou um docente com uma concepção progressista de educação será capaz de inovar criando inúmeras atividades para seus alunos, mesmo dispondo apenas de giz e lousa. Um exemplo disso é Célestin Freinet que, mesmo numa sala de aulas com apenas giz e lousa, inventou a roda da conversa, as aulas-passeio, os trabalhos em cantos de interesse, o livro da vida, a troca de conhecimentos, as assembleias de classe e muito mais técnicas novas que continuam sendo inovadoras na maioria das escolas até os dias de hoje.

Por falar em Célestin Freinet, vale a pena tratarmos de aprender com o mestre francês que atuou na docência entre as décadas de 1920 e 1960 primordialmente na educação primária. Nascido no finalzinho do século XIX, em 1896, num povoado do interior da França

chamado Garsⁱ, estudou as primeiras letras em escola rural entrando, posteriormente, para a Escola Normal na cidade de Nice com o objetivo de formar-se professor.

Tanto política como socialmente, o lugar onde nasceu Freinet se pode comparar com algumas regiões do interior brasileiro, onde, segundo Anne-Marie Milon Oliveira, compara-se, por exemplo

o poder dos donos da terra apoiados pelas demais estruturas locais de dominação (Igreja, notáveis, “intelectuais tradicionais” no sentido gramsciano da palavra); a submissão quase total dos trabalhadores aos patrões, parte por falta de oportunidades de emprego, parte pela ausência de uma organização maior que os congregue com vistas à defesa dos seus interesses. (OLIVEIRA, 1995, p. 93)

Nessa região em que Freinet nasceu, o cuidado com as cabras e ovelhas ficava frequentemente ao cargo das crianças e adolescentes, e o infante Célestin ensaiou as tarefas do campo como pastor em meio a brincadeiras sempre influenciadas pelas atividades do trabalho cotidiano. Na sociedade de então as crianças se envolviam normalmente com os trabalhos socialmente úteis, atuando diretamente com o coletivo, a que passavam a se sentir pertencentes, fossem crianças, adolescentes, adultas, adultos, ou idosas e idosos, colaborando, cada um, com sua parte na produção dos valores de uso necessários à subsistência. Sua educação, em tais condições, fez com que se construíssem suas ideias relativas ao trabalho e às atividades infantis, em geral. Freinet entendeu que as crianças têm um papel a cumprir e uma contribuição a ofertar ao trabalho social, como parte da comunidade trabalhadora.

Essa sua maneira de ver a realidade infantil explica a noção do trabalho como princípio educador, desenvolvidor das ideias que o levaram a formar os fundamentos de sua educação do trabalho e de uma concepção da condição humana como uma construção que se faz mediada pelo trabalho transformador do mundo, dotado de utilidade social e engajado na produção de valores de uso reais. Dessa maneira, a escola preconizada por ele não teria a função de preparar os estudantes para *virem-a-ser*, mas, desde já e a todo momento, de oferecer uma vivência concreta e real de inserção social a todas as crianças. As peculiaridades do contexto histórico e social em que Freinet nasceu e passou sua infância e sua adolescência contribuíram, pois, para com sua concepção de mundo e sua visão do significado da educação.

Através de sua militância e de suas obras escritas, Freinet constituiu um diálogo com seu tempo. A partir dessa militância e desse diálogo com a realidade, sua atuação no campo educacional revestiu-se de um jeito inovador, "relacionado diretamente com os problemas e a busca de soluções, superando, muitas vezes, os limites que lhe era possível alcançar." (BOLEIZ, 2017, p. 53-54) Anne-Marie Milon Oliveira (1995, p. 14) pondera que, “nesse sentido, sua obra

foi um avanço considerável e, até certo ponto, 'revolucionário', uma vez que ensejou o surgimento do novo que estava prestes a nascer do velho” no que se refere ao paradigma do escolasticismo em educação.

No começo de sua faina como professor, em sala de aula, Célestin Freinet se deparou com o grande desinteresse dos estudantes para com as aulas tradicionais e magistrais. A situação o fez procurar por alternativas às práticas tradicionais e centrar-se inovadoramente na dialogicidade das relações entre docente e discentes, podendo-se dizer que Freinet colocou a criança no centro de sua pedagogia.

Ao abordar a forma como se dava o cotidiano da escola nos tempos em que Freinet iniciou seu trabalho docente, Oliveira comenta:

Sentados atrás de pesadas carteiras por seis horas diárias, os garotos veem este ambiente como uma prisão (como Freinet na infância, são pequenos pastores, habituados à vida ao ar livre, ao trabalho produtivo, ao espaço, às corridas no mato). Tornam-se nervosos, indisciplinados, agitados e barulhentos. Para contê-los, os meios da pedagogia tradicional são bem conhecidos (e lembrados, com amizade, pelo diretor da escolinha): gritos e castigos. (OLIVEIRA, 1995, p. 112)

Diante dessa realidade, Freinet se comove e move-se numa direção diferente, do ponto de vista profissional, que o leva a produzir aulas diferentes, revestidas de condições para que ocorresse o protagonismo estudantil em seu processo de aprendizagem.

Mediante o desinteresse das crianças pelos conteúdos que tinha que ensinar, Freinet intuiu a necessidade do estabelecimento de diálogos com os estudantes que fossem além do universo de assuntos peculiares ao ambiente escolar. Comprometido em oferecer aos seus educandos a chance de conhecerem melhor o mundo do lado de fora da escola, pelo qual tanto se interessavam, e apreendê-lo por meio das atividades escolares, ele começou a levá-los para passear nos meios rural e urbano, com a finalidade de se constituírem no que Paulo Freire, mais tarde, viria a chamar de “tema gerador” de cada dia letivo. Criou, assim, a “aula-passeio”.

Os alunos e alunas iam verificando e descortinando as peculiaridades e os fenômenos que compunham a realidade cotidiana que envolvia a vida ao redor da escola e do lugarejo onde ela estava inserida. Presenciavam o trabalho das camponesas e camponeses observando-lhes as características e dificuldades, observavam as nuvens, viam os insetos, os pássaros e outros animais. Percebiam os diferentes matizes a compor as cores das matas que recobriam as montanhas no entorno do povoado, além das consequências da ação dos ventos e da correnteza do rio. Para Rosa Maria Whitaker Ferreira Sampaio, “a força da natureza

sensibilizava cada uma das crianças de acordo com sua personalidade, sua percepção de mundo e sua curiosidade.” (SAMPAIO, 1989, p. 16)

Na volta desses passeios realizados em grupo, as educandas e os educandos discutiam os fatos ocorridos, levantavam hipóteses sobre os fenômenos que tinham verificado, comparavam a distância percorrida do dia atual com o dia anterior. A conversa era muito alegre. Entretanto, no momento de retornarem à leitura obrigatória, que era uma exigência do currículo comum francês, o desinteresse ressurgia entre os estudantes e, segundo Sampaio, “para Freinet, mandar abrir a página de um livro, onde as frases feitas nada tinham a ver com a vida da criança, era cortar pela raiz o entusiasmo que as crianças tinham trazido lá de fora.” (SAMPAIO, 1989, p. 17)

Depois de muito estudar e refletir com suas próprias experiências, Freinet tomou a decisão de mudar sua prática com relação às leituras que as crianças deveriam fazer, como obrigatoriedade do currículo comum. Passou a realizar, então, uma nova atividade de escrita e leitura. “[...] quando voltava dos passeios com as crianças, escrevia na lousa um resumo do que tinha acontecido durante aqueles momentos tão vivos. As crianças liam, comentavam, acrescentavam observações e depois copiavam o texto nos seus cadernos, ilustrando-os com desenhos ou da forma que quisessem.” (SAMPAIO, 1989, p. 18-19)

As alunas e os alunos começaram a se interessar pelas aulas — que parece terem ficado muito diferentes e mais instigantes — e Freinet foi percebendo que era viável ensinar através das diversas atividades que ia inventando e aplicando no decorrer dos períodos letivos. Suas invenções originaram atividades que se tornaram muito comuns aos ambientes educacionais e passaram a ser utilizadas pelos professores e pedagogos em geral. Dentre elas, Freinet inventou uma técnica que passou a ser utilizada até os dias atuais por diferentes professores e professoras, sendo que muitos deles nem conhecem sua origem, e que é, sim, muito inovadora em grande parte das salas de aula: a roda da conversa.

Convencido de que o interesse das crianças poderia complementar muito positivamente seu planejamento educacional, Freinet passou a organizar seus alunos em roda, logo no começo das atividades do dia como meio de fomentar o debate e o diálogo entre estudantes e com o docente. Ele apresentava às crianças a seguinte pergunta: “O que há de novo?” — “*Quoi de neuf?*”.

A partir de uma perguntinha tão simples, apresentada a cada dia aos estudantes no início do dia, professor e alunos organizavam toda uma gama de atividades que davam sentido

ao ensinar e ao aprender, colaborando diretamente para com a transcendência da práxis educativa na realidade daquele lugar e daquele momento.

A essa técnica — a roda da conversa —, atividade inicial de cada dia, Freinet chamou *Quoi de neuf?* — “O que há de novo?” — que somente bem mais tarde, aqui no Brasil, os educadores do Movimento Freinet passaram a chamar de roda da conversa e muitos outros educadores e educadoras chamam de roda de conversa ou simplesmente roda.

A roda da conversa, do jeito como foi inventada e organizada por Freinet, oferecia a oportunidade para o estabelecimento de conexões diretas entre a vida dos educandos e as suas atividades escolares. Era ocasião de tomada de contato com a própria realidade, portanto, de conscientização para educador e estudantes.

No decorrer da roda da conversa, o professor ou a professora, além de coordenar a atividade, também deve anotar as trocas realizadas nas conversas, de modo que possa eleger temas geradores para as atividades didático-pedagógicas do dia. O educador ou a educadora deve ter planejado as atividades do dia, mas deverá flexibilizar seu plano de aulas mediante necessidades e temas geradores importantes que venha a identificar na roda da conversa.

Rosa Maria Sampaio considera a roda da conversa uma das atividades mais importantes do dia das crianças na escola. Para ela, a roda “é um momento *privilegiado* de comunicação, quando nós [educadores] damos prioridade à liberdade de expressão espontânea e a uma situação de linguagem, quando tomar a palavra tem um sentido e constitui, em si, um ato social.” (SAMPAIO, 1996, p. 1 — grifo meu) Sampaio destaca, ainda, que “as vezes nós somos obrigados a terminar a roda da conversa se [os alunos] não conseguirem mais manter a atenção, ainda que seja difícil para uma criança renunciar a sua possibilidade de falar, sobretudo quando isso é para contar uma emoção.” (SAMPAIO, 1996, p. 1)

Os temas que emanam da roda são utilizados, muitas vezes, durante as atividades da turma. Por exemplo, um aluno ou uma aluna conta que fez uma viagem com os pais para visitar a avó que mora em outra cidade. Diante do interesse da turma, o professor propõe um trabalho de geografia que envolva alfabetização cartográfica, procurando localizar as cidades, identificar sua posição com relação aos pontos cardeais, características de relevo etc. Depois, no momento de montagem do jornal escolar, os temas da viagem e do aprendizado sobre geografia podem vir a fazer parte dos artigos, o que se desenvolverá em atividade de escrita. O mesmo pode ocorrer com outros temas para os quais o educador deverá estar atento,

identificando-os na relação que possa estabelecer com os objetivos a serem alcançados pelas demais atividades didáticas da classe.

Em meio às mais diversas possibilidades que percebeu serem passíveis de utilização em suas aulas, Freinet prosseguiu inventando novidades pedagógicas.

Após a observação do funcionamento de uma oficina gráfica, teve a ideia de levar uma máquina de imprensa para a sala de aulas como tecnologia educativa para que seus alunos aprendessem a criar e imprimir materiais que pudessem ser socializados entre os colegas e até levados para distribuição para as famílias, vizinhos e comunidade. Adquiriu uma máquina muito simples e rudimentar chamada linotipo e passou a utilizá-la com os pequenos para confecção de livrinhos de pequenas histórias, de poesias e, finalmente, do jornal escolar, que veio a se transformar numa de suas técnicas mais conhecidas — a imprensa escolar. Com a introdução do linotipo em sala de aula, Freinet alfabetizou toda uma sua turma multisseriada em cerca de quatro meses.

Para a confecção do jornal escolar, Freinet organizou sua turma de alunos em pequenos grupos que davam conta, por meio da divisão do trabalho, de preparar cada etapa da confecção do jornal, dando origem ao trabalho por complexos de interesse, que ele tinha conhecido em uma viagem que fizera a Moscou, onde conhecera a Escola Lepechinski, de Pistrak, e que hoje são comumente chamados de cantinhos de interesse. Os alunos e alunas dividiam-se em pequenos grupos e davam conta de escolher os textos que iriam para o jornal, corrigi-los, organizar os tipos na máquina de impressão, fazer a revisão, imprimir, juntar as páginas, montar o jornal.

A partir de pequenas discussões que surgiam aqui e acolá no cotidiano escolar, Freinet desenvolveu uma metodologia autogestionada (coordenada e presidida pelos próprios discentes) para resolução de conflitos, denominada assembleia escolar, por meio de uma maneira própria e peculiar de organização permanente de pautas de assuntos de interesse de todos os discentes e docentes.

Atento às facilidades e às dificuldades das crianças, Freinet passou a utilizar em suas aulas, também, a troca de saberes, em que as alunas ou os alunos que melhor entendiam de determinada matéria ou disciplina prestavam apoio aos estudos de quem apresentasse embaraço para a aprendizagem.

Enfim, vale dizer que as técnicas inovadoras fazem sentido numa educação progressista e também inovadora, sem o quê significariam apenas uma forma de variar a velha educação conservadora que tanto prima nas instituições de ensino que conhecemos.

Freinet, apesar de ter atuado do início do século XX até meados dos anos 1960, foi um grande inovador. Tanto é assim, que a utilização de suas técnicas ainda é inovadora até os dias atuais. Entretanto é preciso problematizar a utilização das técnicas inovadoras, sejam as que Freinet nos legou, sejam outras novidades que namoram tanto com o a atualidade do mercado.

Quais princípios se colocam como pano de fundo de uma educação com técnicas inovadoras? Em outras palavras: inovar para quê?

Como bem dissemos acima, a mera utilização de novas tecnologias, ou mesmo a utilização de técnicas inovadoras dentro de um programa retrógrado de educação, acabam por inovar apenas o ferramental ou o jeito de se fazer algo, mas não inova a educação propriamente dita. Afinal de contas é preciso ter certos propósitos e princípios que alicercem os fazeres pedagógicos para além da mera introdução das técnicas diferentes das tradicionais.

No caso da Pedagogia preconizada por Freinet, há que se recordar que haviam os princípios da educação cooperativa, da solidariedade, da livre expressão e da autonomia, princípios bem claros, embasando os fazeres docentes.

Como forma de garantir que esses princípios tão caros de sua Pedagogia fossem respeitados, Freinet produziu o que chamou de Invariantes Pedagógicas. Sampaio afirma que

Freinet percebeu que somente a transmissão de conselhos técnicos corria o risco de ser insuficiente, se estes não fossem acompanhados de instruções mais exatas. Por isso ele organizou uma série de princípios que chamou de Invariantes Pedagógicas. Ele queria, assim, estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser feita à luz da experiência e do bom-senso. (SAMPAIO, 1996, p. 80)

As Invariantes Pedagógicas de Freinet se dividem em três grupos, a saber: 1. A natureza da criança, com 3 invariantes; 2. As reações das crianças, com 7 invariantes; e 3. As técnicas educativas, com 20 invariantes.

Para que cada educador ou educadora que resolva trabalhar com a Pedagogia Freinet e suas técnicas inovadoras possa ter um parâmetro para sua prática, Freinet criou um teste. "A semelhança do código de trânsito, Freinet fez com as cores verde, vermelha e amarela um código pedagógico que permite ao professor construir gráficos para uma melhor compreensão de sua atuação como educador" (SAMPAIO, 1996, p. 80).

Quando estiver agindo de acordo com a invariante, a cor correspondente é a verde. Nesse caso, pode-se considerar que o educador ou a educadora estão se conduzindo plenamente em sintonia com um dos princípios e lograrão êxito.

Se estiver agindo parcialmente em consonância com a invariante a cor é amarela. Nesse caso tratam-se de práticas que, em certas circunstâncias, podem ser benéficas, mas que podem ser perigosas e é preciso prudência ao seguir em sua direção na esperança de logo ultrapassá-las.

No caso de se estar agindo em desacordo com a invariante, a cor é a vermelha. Tais práticas, nesse caso, não estão conformes à invariante e devem ser proscritas o mais rápido possível.

Apenas como exemplo, seguem três Invariante Pedagógicas com o devido teste para compreensão do leitor ou da leitoraⁱⁱ:

Invariante nº 2: "Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros."

"Suprima o pedestal, de repente você estará ao nível das crianças. Você as verá não com olhos de pedagogos e chefes, mas com olhos de homens e crianças, e com este ato você reduzirá seguidamente a perigosa separação entre aluno e professor que existe na escola tradicional."

"Você se coloca numa carteira igual a dos alunos e age no meio deles, assumindo todas as consequências pedagógicas que esse gesto pode causar." — Sinal verde.

"Você suprime a disposição tradicional da classe que o destaca perante os alunos." — Sinal amarelo.

"Você deixa as carteiras dos alunos e a sua mesa nas posições tradicionais." — Sinal vermelho.

Invariante nº 4: "A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias."

"É o que pretende a nossa pedagogia, passando ao máximo a palavra à criança, proporcionando-lhe, individual e cooperativamente, uma iniciativa máxima no âmbito da comunidade, esforçando-se mais em prepará-la que em dirigi-la."

"Você estabelece em classe uma pedagogia sem imposições autoritárias." — Sinal verde.

"Você procura uma solução intermediária, com algum autoritarismo, mas com uma tentativa de liberalização." — Sinal amarelo.

"Você continua sempre a agir autoritariamente." — Sinal vermelho.

Invariante nº 12: "A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, onde se encontra verdadeiramente a serviço da vida."

"Infelizmente, todo o ensino escolástico se baseia na memória e os exames avaliam exclusivamente as aquisições à base da memória."

"Você proporciona um ensino vivo no qual a memória desempenha apenas o papel de auxiliar técnico." — Sinal verde.

"Você opta por um ensino em que a memória tem demasiada importância, mas em que se inicia uma cultura em profundidade." — Sinal amarelo.

"Você ainda é por uma educação e uma motivação a base da memória." — Sinal vermelho.

Como se pode observar, tratam-se de assertivas muito simples, mas que dão a base para a atuação docente em consonância com uma pedagogia progressista e, por si, também inovadora — para além de suas técnicas. Aliás, as invariantes não tratam das técnicas, mas da concepção de educação que está por trás da Pedagogia de Freinet. Tão inovadoras em Educação, quanto as mais variadas técnicas inventadas por Freinet, as invariantes dão a base para que cada educador possa inventar suas próprias técnicas sem deixar de estar praticando a mesma pedagogia.

Como vimos até aqui, não basta ter à disposição uma gama de instrumentos tecnológicos modernos e até de última geração para se inovar em Educação. O que é necessário, realmente, é compreender as necessidades e anseios dos estudantes para fornecer-lhes novas maneiras e novos caminhos para que satisfaçam suas necessidades individuais e de classe. Isso pode ser feito com os instrumentos e ferramentas disponíveis ao educador ou à educadora, sendo mais necessário, realmente, uma concepção inovadora de educação que motive a criação ou implementação de novas técnicas e metodologias no quotidiano escolar.

Freinet é um bom exemplo de inovação educacional, e atuou, como dissemos, da década de 1920 à década de 1960 no papel de *simples professor primário*, como ele mesmo costumava dizer.



Cabe ao educador e à educadora progressistas encontrar seu caminho na construção de uma educação integral, de qualidade socialmente referendada e inovadora.

REFERÊNCIAS

BOLEIZ JÚNIOR, Flávio. **Freinet e Freire**: Processo pedagógico como trabalho humano. Balti (República Moldova), 2017.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon. **Célestin Freinet**: Raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias da Escola de Professores, 1995.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet**: Evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **A roda da conversa ou o que há de novo?**. São Paulo: Mimio, 1996.

ⁱ A aldeia de Gars localiza-se na região dos Alpes Marítimos e conta, na atualidade, com cerca de 60 habitantes.

ⁱⁱ As Invariantes Pedagógicas de Freinet podem ser encontradas em <<https://docs.google.com/file/d/0B-MXRF4o0KOqUm1mdlRYdnNLaWM/edit>>, visitado em 06/06/2020.